



| | |
|----------------|---|
| Evento | Salão UFRGS 2014: X SALÃO DE ENSINO DA UFRGS |
| Ano | 2014 |
| Local | Porto Alegre - RS |
| Título | Experiência com a realização de questionários a respeito de Saúde Mental em uma Unidade de Saúde da Família |
| Autores | KALIL MAIHUB MANARA ROSEMARIE GARTNER TSCHIEDEL Caroline Godoy Martins |

A produção e a manutenção de um espaço para a Saúde Mental na Atenção Básica são importantes desafios para o Sistema Único de Saúde (SUS) a partir de sua reorganização pela Estratégia da Saúde da Família (ESF) e estão apoiados principalmente no princípio da integralidade. Partimos de um ponto de vista para o qual a saúde mental é o aspecto da subjetividade como um todo (negando-se uma polarização binária que a opõe ao corpo) e, numa proposta de trabalho e de produção de conhecimento, tomamos principalmente a função de sensibilização às necessidades e ordenação de redes (incluindo a de Saúde Mental), assumida pela ESF a partir da Política Nacional de Atenção Básica (PNAB)¹, como orientação ética.

Assim, nossa proposta metodológica foi a elaboração de um questionário a respeito de Saúde Mental (ou simplesmente “Questionário de Saúde Mental”), como primeira forma de acolher as compreensões dos usuários de nossa Unidade de Saúde da Família – que no período era a USF São Gabriel, localizada no distrito Glória/Cruzeiro/Cristal – sobre o tema, para adequação do serviço às suas necessidades, mas também visando a problematização de nossas diversas compreensões. Nesse sentido, cabe ressaltar que nossa ação foi justamente uma tentativa de “cuidado para com as necessidades”, numa situação em que tínhamos dificuldades, enquanto equipe, para identificar as demandas infanto-juvenis em saúde mental no território – demandas que constituem o tema de nosso PET (Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde) Redes de Atenção Psicossocial – Linha de cuidado em saúde mental da criança e do adolescente. O breve questionário, respondido, em geral, na sala de espera da unidade, trazia perguntas como: “O que você entende que é Saúde Mental?”, “Como você acha que (...) [ela] aparece na criança e no adolescente?”, “Você tem na família ou conhecidos pessoas de 0 a 18 anos? Caso essa pessoa precisasse de ajuda em Saúde Mental, o que você faria?”. O questionário era apresentado, falando-se resumidamente sobre seu caráter compreensivo do território – e não avaliativo do indivíduo – e sobre sua função de melhoria do serviço. Os usuários interessados em respondê-lo recebiam uma caneta e uma folha com 6 perguntas (1, 2, 3, 3.1, 3.2 e 4) – além do espaço para livres considerações – não havendo restrições a respeito de espaço-tempo e modo de sua resposta: alguns usuários preferiram responder oralmente, sendo então registradas suas respostas por escrito, outros quiseram levar o questionário para casa e organizar uma resposta “coletiva” com suas famílias (embora estes papéis ainda não tenham retornado) e muitos participaram de discussões que surgiram a respeito, na sala de espera, no momento de sua realização, que foram entendidas como produtivas e, é claro, como indícios das limitações do método do questionário, diante da potência da discussão (em todos os meios) sobre o tema.

Ao responder aos questionários (dezesseis, no total, respondidos de março a maio de 2014), a maioria dos usuários posicionou a Saúde Mental no campo da patologia (“desvio”, “distúrbio”, “problema”, “falta” de alguma coisa) podendo essa patologia ser detectada pelos seus sintomas (“desvio”, “agressividade”, “lentidão”) ou surgir a partir de problemas/carências na infância (“maus-tratos”, “ambiente ruim”, “falta de políticas de saúde”). Quanto às atitudes diante de um possível problema em saúde mental, destacou-se a busca por profissionais ou especialistas (“psiquiatra”, “psicólogo”, “terapeuta”, “psicanálise”). Diante da pergunta 4, a respeito das possibilidades de tratamento (seria ele apenas farmacológico?), apontou-se predominantemente a terapia/clínica (“psicoterapia”, “psicóloga”, “médico”, “especialistas”) como alternativa ou complemento aos tratamentos medicamentosos.

Como resultados de nossa intervenção com o questionário, trazemos também os acontecimentos menos formais disparados por sua realização: as conversas e discussões na sala de espera, em que os usuários falavam sobre suas experiências com saúde mental, seus tratamentos e os medicamentos que utilizavam. Essas conversas chegaram, inclusive, a culminar em demandas mais diretas (por palestras a respeito de saúde mental, por um grupo para conversar sobre os problemas, etc.) e incluíram na discussão usuários que não quiseram responder às perguntas por escrito.

Esses resultados não deixam de refletir a presença, ainda marcante, de uma certa “lógica dos especialismos”, apontada por Dimenstein et al. (2005)², que “pressupõe relações hierarquizadas de saberes e poderes entre os diferentes membros da equipe e desta com os usuários” – quando se apontam principalmente as práticas terapêuticas especializadas como forma de lidar com problemas em Saúde Mental e quando há demanda por uma intervenção que “*explique* [a Saúde Mental] à população”, por exemplo. Entretanto, houveram posicionamentos (tanto nos questionários quanto nas discussões) que apontavam práticas interpessoais comuns e coletivas, como “dar afeto ao outro”, “conversar com a pessoa” e “dar atenção”, como formas de lidar com o sofrimento. Concordando com Dimenstein et al. (2005), quando se diz que “é preciso pôr em curso alterações na forma de organização dos serviços, pautadas por mudanças nos saberes instituídos que delimitam quem é competente e quem tem autoridade para lidar com a loucura”, vemos que o resgate e a valorização dessas práticas e do poder desses saberes “populares” pode ser um bom caminho para intervenções futuras referenciadas nesta experiência.

¹BRASIL. Ministério da Saúde. Saúde mental. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. (Cadernos de Atenção Básica, 32).

²DIMENSTEIN, Magda et al. Demanda em saúde mental em unidades de saúde da família. **Mental**, Barbacena, v. 3, n. 5, nov. 2005. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272005000200003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 28 jun. 2014.